

Sertanista procura nômade que constrói palhoças com buraco

Rapaz vaga há anos pelas matas de Rondônia e deve ser de tribo violenta

EDSON LUIZ

BRASÍLIA – A poucos dias de o Brasil completar 500 anos, ainda existem no País pelo menos 50 referências sobre a existência de grupos indígenas arredios. O Departamento de Índios Isolados da Fundação Nacional do Índio (Funai) já confirmou 26 tribos não aculturadas, mas até hoje não conseguiu identificar de onde vem, para onde vai e quem é o índio que vive vagando solitário pelas matas de Rondônia.

Diferente de todos os demais índios da região, a Funai sabe muito pouco sobre ele. Apenas o identifica por “índio do buraco”, já que, em todas as malocas que constrói, existe um buraco. “Tem pelo menos meio metro de largura e 70 centímetros de profundidade”, diz o sertanista Marcelo dos Santos, que tenta manter contato com o índio solitário, há alguns meses. “Os buracos devem ser uma estratégia de sobrevivência ou mesmo algo místico.”

Segundo Santos, o “índio do buraco” tem bigodes, cerca de 1,70 metro de altura, anda nu e tem palhas amarradas nos cabelos e na altura da virilha. O sertanista já pesquisou em todas as tribos próximas a Corumbiara (RO), onde o índio vive, mas não conseguiu nenhuma informação sobre o rapaz. “Ele parece nômade, já que descobrimos pelo menos 15 lugares por onde passou”, diz Santos.

Todos os índios com os quais o sertanista manteve contato afirmam desconhecer a origem do “índio do buraco”. Acreditam, porém, que é de um grupo violento que pode ter sido exterminado há alguns anos. “Há informações não confirmadas de que uns índios foram envenenados na década de 80.”

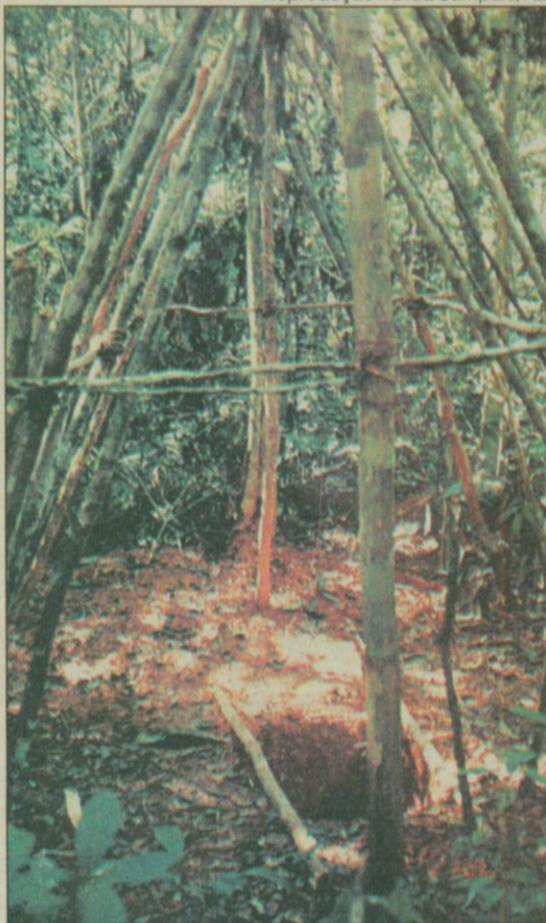
Arredios – Segundo o sertanista Sidney Possuelo, chefe do Departamento de Índios Isolados da Funai, hoje existem ou-

tros quatro grupos de índios não contatados em Rondônia, três no Acre e quatro em Mato Grosso. “Além dessas, temos outras frentes de contato, a maioria na Amazônia”, explica.

Possuelo afirma, entretanto, que a política atual do governo é manter os índios em seu hábitat natural, formando apenas uma barreira para evitar a entrada de brancos. “Quando se fazia o contato, a gente tirava o índio da sua terra, ele perdia sua autonomia, seus hábitos e contraía doenças dos brancos”, afirma. “Agora, ficando em seu lugar, ele mantém tudo isso.”

Até os anos 60, cerca de 80 grupos indígenas arredios desapareceram, justamente por causa do contato com os brancos. “Por isso, estamos trabalhando agora para proteger o território desses índios e não

Reprodução - Dida Sampaio/AE



Oca com buraco próxima ao Rio Taranu, em RO

promover o contato”, diz o sertanista.

Um exemplo de extermínio após o contato são os índios cararaô, de Altamira, no Pará. Nos últimos anos, após o contato, mais de cem morreram, restando hoje apenas nove mulheres. Outro exemplo são os araras, também do Pará, que se tornaram alcoólatras, vendem madeira de sua área, entre outras coisas. “Não se pode mais jogar o índio dessa forma para a sociedade”, diz Possuelo.

O sertanista, um dos mais respeitados em todo o mundo, afirma com segurança que o Brasil é o país onde existem mais índios arredios. Entretanto, ele prefere não fazer estimativas. “Seria um risco grande, pois é difícil prever quantos índios existem ainda na floresta.”

INSTITUTO
SOCIAMBIENTAL

Documentação

Fonte: *ESP*

Data: 17/4/2000 Pg. A11

Class.: 63